

## Estudo de Caso 4

### Entrevista à Elizabeth Gil

Diretora do Colégio Estadual Ignácio Azevedo do Amaral / formação de professores

Virgínia: É justamente no estágio onde acontece a práxis, a teoria aplicada à prática. Como vem ocorrendo a frequência dos alunos, em estágios necessários para a sua formação como professores?

Elizabeth: A carga horária, de 7 horas da manhã ao meio dia e vinte, com curso teórico e assumir uma prática à tarde, é uma coisa difícil para um adolescente, ele precisa do seu próprio espaço, de perceber o seu próprio movimento, único e novo em sua vida! E o que acontece? Estando o dia inteiro ocupado, não consegue encontrar esse tempo para ele.

O adolescente acaba achando injusto ter que estudar pela manhã, fazer estágio à tarde, sobretudo porque essa atividade de modo geral, não é remunerada. Alguns apenas fazem estágio remunerado. Mas a grande maioria não. E o mais comum é que depois de um mês de estágio, um grande número desiste. Eles sempre acham que no ano seguinte, o quarto ano, conseguirão completar as horas necessárias. Como se fossem super-pessoas.

Geralmente isso não ocorre. Desse modo, o terceiro ano é comprometido pelo o acúmulo de funções e poucos recursos materiais. Nossos alunos, em sua grande maioria, moram longe da escola e devem acordar às 5 da manhã. Comem mal. Vão para o estágio. Chegam em casa às 20 horas. Ou seja, para muitos, esse caminho se torna inviável e acabam desistindo da Formação de Professores.

E trata-se de um grupo que gosta do ambiente da Escola, mas na realidade não está comprometido com a Educação. Quando são questionados sobre essa necessidade, costumam negar esse distanciamento, mas a falta de interesse maior, de uma motivação, é visível!

Virgínia: Aonde e como se dá o estágio de um aluno, no Curso de Formação de Professores, normalmente?

Elizabeth: É no Espaço da Educação infantil, no qual ele exerce funções, muitas vezes, pouco pertinentes à prática pedagógica; são encaminhados como auxiliares dos professores responsáveis por crianças muito pequenas: limpam salas, após atividades com os alunos, ajudam-no a ir ao banheiro, corrigem seus hábitos na hora do lanche; mas é

raro o momento em que o estagiário senta-se com o professor para planejar, desenvolver o plano de aulas. Ele acaba sendo um “cuidador” da criança na hora do recreio, sem ser despertado para a oportunidade de trabalhar aspectos cognitivos associados ao lúdico, em atividades integradoras na educação infantil.

Virgínia: Então, como esses adolescentes e jovens adultos, futuros professores da educação infantil podem reencontrar a enorme alegria de brincar e virem a contribuir para o processo de desenvolvimento mental de outras crianças para o enriquecimento ...

Elizabeth: não que ele próprio vá necessariamente encontrá-la sozinho, ou a comunidade, sozinha, mas há uma possibilidade de nova vida a partir dessa relação: família, escola comunidade.

Caso contrário, não vem mais para a escola. Ele desiste muito cedo.

O outro lado, é a escola entender, que ensino tem que estar fora das paredes da sala de aula. Está dentro mas está também, fora delas.

À distância, no Jardim Botânico, num horário alternativo de sábado ou domingo, pela manhã. E o professor tem que estar consciente de que esta disponibilidade é necessária.

Essa linha nos revela dois problemas: criar no professor esse engajamento, esse hábito de que a aula dele está onde e quando o seu aluno necessita.

Em segundo lugar, está na expansão da consciência da própria Secretaria de Educação: o professor que trabalha aos sábados, no Jardim Botânico, não é uma pessoa maluca, mas é uma pessoa que está tentando uma alternativa, além de quadros de horários fixos.

O ensino noturno, por exemplo é muito complicado, pois nosso quadro é absolutamente irreal, a metodologia é irreal, os conteúdos são irreais, a proposta de quadro fixo é irreal.

Na verdade, retira-se leite de pedra para se fazer com que esse aluno não desista da escola. E ele precisa da escola, não para ter conteúdo, se formar. Mas porque a escola é o único espaço que ele tem diferenciado de sua própria comunidade, ou de seu ambiente de trabalho, onde geralmente, já é um perdedor. Então a escola tem que criar novas condições, tem que trazê-lo pra cá, de algum modo.

Voltando à questão de segurança, até há 3 anos atrás, se caracterizava mais pelo curso noturno. Mas hoje, por exemplo, existem meninas do Curso Normal (diurno) pedindo transferência; pela distância de sua residência. Pois não há condições de uma menina sair do Jardim Botânico às 17:40 e chegar na Cidade de Deus (Jacarepaguá?) já em hora avançada, na noite. E nesse bairro onde a maior parte da população do colégio habita. Elas correm risco de vida. Muitas alunas estão saindo da Escola Normal, largando um sonho, por problemas de horário, violência na condução, contra a mulher. É uma situação inadmissível para os pais. Como não há escolas de formação de professores próximas às

suas casas, optam pela geral, desistindo de serem professores. No normal, pedem transferência, no noturno, simplesmente deixam de vir.

O problema de segurança pessoal é real, dentro, fora da escola, na calçada...

Virgínia: E como é vista a educação pela Arte?

Pelo aluno

A hierarquização de disciplinas é algo que ainda é uma realidade. Estamos tendo uma série de encontros sobre Educação Física. Geralmente, essa é vista pelo colega professor como aquela disciplina “do lazer”. Então, quando acontece de não haver aula, manda-se o alump para o pátio, “jogar uma bola”... Nunca se pega o aluno no corredor, para o professor de matemática, para ele dar “um jeito”, na situação, a não ser dar um zero, numa atitude castradora, punitiva.

O próprio aluno, quando tem aula de Educação Física, Artística e até de Língua Estrangeira, acha que é “uma aula menor”. Agora, ele acha isso desde que ele entrou para a escola, isso foi passado para ele.

Virgínia: A arte representa o nosso pensamento mais sofisticado por refletir leis objetivas de modo simbólico-lúdico. Por exemplo, Alexander Calder (pesquisas na Internet), propôs criar uma arte que refletisse as leis matemáticas de um universo em constante movimento, regido pelas leis do equilíbrio.

E Piet Mondrian ( XXX) escolheu para atingir, em seus quadros, uma arte que refletisse as leis objetiva do universo. Para tanto, teria usado os elementos linhas retas e cores puras (?). A nossa maior capacidade intelectual seria a representação, segundo Freud, e a Arte lida o tempo todo com transporte de sinais e símbolos.

A arte-terapia é uma das aplicações da Arte, ela pode ser vista como parte de uma educação preventiva?

Elizabeth: Claro. Como professora de Português e Literatura, sempre digo ao meu aluno que ele, ao saber falar, também ironizando, jamais usará violência física. Quando se pode descarregar as emoções positivas, negativas, não pelo confronto físico nem pela verbalização XXX agressiva, é tudo o que se deseja para o ser humano.

Porque não vamos melhorar como pessoas no sentido dos nossos sentimentos: acontecem a raiva, inveja, desespero; o que pode melhorar é a maneira como exteriorizar isso para o outro.

Acho que a arte desenvolve essa capacidade; reler, transformar as nossas emoções, mesmo as mais profundas. Como você já disse, transporte sinais, de modo mais ameno e com isso, criar algo novo.

A própria pichação, o grafite faz isso. O próprio uso da linguagem é usada em outro contexto.

Então acredito que a Arte-Terapia pode auxiliar e muito. Quando você trouxe o material bambu, deu-se nova vida, nova leitura. O bambu, com as novas leituras, novas funções, pode transformar uma vida. E isso acontece com todos os materiais. Mesmo que eu não entenda a organização, ela existe. E eles estão ali para uma troca.

Virgínia: A observação de estruturas variadas deve, então, capacitar o aluno quanto à forma expressa. Favorecer-lhe mais meios de colocar suas idéias, suas emoções.

Elizabeth: Que vem pelo lúdico, pela alegria, colabora para o ensino-aprendizagem. Acho muito difícil aprender pelo negativo. Isso de “quanto mais dura for minha vida, melhor pessoa eu sou”, não acredito nisso. Senão, a gente volta para a palmatória que talvez conserte o mundo. Eu não acredito mesmo! Amor gera amor e não amor gera conflito e agressão!

Então, acredito que isso deve ser com relação a tudo. Se nós nos reunimos num espaço lindo como o Jardim Botânico, num domingo, com pessoas diferentes, voltadas para construir, inconscientemente, a minha necessidade de destruir o outro, diminui. E o objetivo da Educação é esse.

## **Entrevista com Yara Lacerda**

### **Professora de Educação Física (UGF) e de Yoga**

Se você perceber essa imagem que você está apontando, do desdobramento, das possibilidades, dos outros caminhos se você transfere isso, para as sinapses, é a plasticidade neural. É a outra possibilidade que o sistema nervoso descobre, para realizar fisicamente. O pessoal da fisioterapia trabalha com isso, com essa questão da plasticidade, eles recompõem o gesto motor que o indivíduo não tem mais capacidade de realizar de determinado jeito.

(Foram mostradas imagens do grupo OCA/APAE, trabalhando formas livre e diretivas, com bambus em atividade xxx em maio corrente).

Virgínia: O trabalho plástico foi antecedido por uma volta no Parque, com relaxamento psicofísico e xxx de história. Procurei fazer alguma coisa com o ombro, rotação, sempre

na intenção do fractal, focando a lateralidade. Os dois lados, direito e esquerdo, podem ser considerados fractais?

Yara: Talvez a possibilidade do corpo de movimento, está no caminho de pesquisa sobre os fractais; fractais tem uma imagem de capilaridade. Sim, eu pensaria mais no movimento do corpo inteiro. Pensando em lateralidade, essa pode significar “ou uma coisa ou outra”.

Yara: Talvez a possibilidade do corpo inteiro se movimentar esteja mais no caminho da pesquisa sobre os fractais. Quando se fala em lateralidade, essa pode denotar alguma exclusão do tipo “ou uma coisa ou outra”; sem eu pensaria mais no movimento do corpo inteiro, associado à idéia de “fractais” pois esses têm uma imagem de capilaridade. Isto é de organismo, de sistema, de constante interação... Isso que você está falando de modificar os caminhos, modificar a gestualidade, modificar o lado, ir para um lado ou para o outro, mas num contexto global do corpo. Me parece uma associação mais apropriada do que só a lateralidade. A lateralidade fica um elemento dentro do complexo todo, de possibilidades do ser humano. A psicomotricidade, tanto clínica quanto educacional, lida com essa questão. E atrelada a essa idéia dos fractais, acho que é mais um contexto geral do corpo na medida que vai se desdobrando, se desdobrando, estou sendo clara?

Virgínia: É como um mosaico que vai se decompondo... ( a seqüência de um mesmo elemento não é o fractal em si; de repente, ele seria apenas um visor para entrar nessa leitura do todo, a gente brincar com uma peça, ... várias possibilidades de arrumação para conduzir-nos a uma leitura global que sabemos não ser permanente. Vai nos dar um estado de equilíbrio para um determinado período, uma situação. A expectativa de flexibilidade para até haver uma mudança.

Aliás, no seu livro, você fala muito em como atingir o equilíbrio sobretudo pelas formas alternativas suaves.

Yara: A práticas holísticas. O termo holístico já nos conduz à concepção de contexto amplo e é interessante o que você disse agora, da imagem que se forma, se desdobre e alcança determinado equilíbrio até que determinada coisa se modifique. Equilíbrio humano é uma passagem, não existe “equilíbrio permanente”; ele é de passagem, se desequilibra na busca de um outro equilíbrio. E é interessante porque começamos a fazer então, algumas associações... Quando você pensa “fulano está desequilibrado, precisa se equilibrar”, esta pessoa necessariamente “não é”, mas está nesse estado!

Porque a busca de equilíbrio em seguida àquele desequilíbrio; uma nova forma de construção. Quando Piaget fala do desequilíbrio, ele também fale dessa forma: é uma estabilidade que se alcança, para ganhar através daquela estabilidade temporária que se desequilibra, para se alcançar um novo equilíbrio no desenvolvimento de sua inteligência. Então é como se fosse uma colcha de retalhos que, independente de cada retalho ter um aspecto, tem aí uma costura que nos leva a uma idéia de todo. É como se fizesse uma idéia gestáltica.

Virgínia: Vânia xxx (ref) traz um pensamento de Jung: “qual é o substrato que une todas as coisas”. Ela diria que é a forma, e deve ser uma forma maleável, que conjuga todos os pontos inerentes a uma situação, fazendo as relações. Mas sabendo que ela pode mudar, deve mudar. É como se fosse um eixo que fosse o invariável e que facilitaria esse dobrar e desdobrar, muda reverte, encolha, gira, mas que ele traria um elemento (ou vários) recorrentes, para não se ficar só no caos... Apareceria pelo sentido do movimento das linhas e das cores.

Yara: É interessante... é a transformação, o processo de transformação; você está aí me estimulando em algumas coisas que não são necessariamente o meu domínio e eu estou puxando o que posso, para o meu domínio. Para poder pensar em te acompanhar (risos)... Então quando falo nessa questão do equilíbrio, da transformação, do hollos, estou me referindo a tudo isso com a minha própria bagagem das práticas holísticas, das práticas alternativas...

O ser humano está em busca de alguma coisa, o tempo todo... Ele de uma certa forma, se a gente puder filosofar não de um modo ortodoxo, apenas permeando a idéia, percebemos essa idéia de todo literal, conjunto, holos, é uma idéia muito aconchegante. É uma idéia de PERTENCIMENTO que você vai apontando aí e aí vai dando pra encostar e brincar com áreas que são diferentes, mas estão aí com a mesma idéia de conjunto... E eu acho que é justamente essa idéia de todo que abriga. Se passamos isso para a esfera social, puxando para a idéia das xxx, vemos que a idéia de coletivo é fortíssima. Independente de estarmos vivendo momentos de individualismo. Como um movimento também, não meramente uma palavra. É como se xxx grandes movimentos sociais que lidam com essa questão do individual e do coletivo e esse indivíduo tivesse essa necessidade do pertencimento. De saída, parecem coisas separadas: é indivíduo ou é coletivo? Mas é como essa idéia do pertencimento fizesse parte da natureza humana. O ser humano é grupal. Na verdade, quando vemos esses trabalhos mais de vanguarda, porque na verdade esse é um trabalho de vanguarda... ir levando para uma idéia de abrigo, de conjunto, de aconchego, de acolhimento, de pertencimento, sempre remete a isso.

A tribo dos alternativos, dos holísticos, em relação à atividade corporal tem uma questão de busca desse pertencimento.

Virgínia: Que é a necessidade de busca da essência que une todas as coisas. Observar a natureza é um exercício indispensável; temos o exemplo do bambu, com sua flexibilidade e também a sua maleabilidade... Só é possível fletir em função da capacidade de se ser maleável.

Yara: E essa é a virtude na cultura oriental... A imagem do salgueiro, na cultura japonesa é clássica, pois o salgueiro acompanha o vento e por isso, não quebra, pela flexibilidade ele vai para um lado, vai para o outro e permanece íntegro.

Virgínia: O bambuzal também, sendo um organismo. Quando algo acontece numa parte superior extrema do bambuzal, esse fato repercute de um extremo a outro. Sua raiz não é profunda, ela se espalha de tal maneira, na horizontalidade, que pode vir um vendaval, que o bambu não se quebra. Permanece coeso. Responde como um organismo, então quando se faz um trabalho com bambu essa é a proposta, a memória celular evocada pelos materiais; então está no nosso DNA que existe um ressonância nossa nessa grande natureza e vice-versa.

(acrescentar algo de “as células têm uma memória e contam a sua história”)

Então quando se pega e tateia-se o bambu, evocando-se essa memória primordial, esse cérebro primitivo (ver relevas) que isso é palpável, é real. Porque nós nos perdemos pois nos deixamos de perceber como parte dessa grande natureza.

Yara: Do todo, claro.

Virgínia: Os animais... somos uma teia e o bambu tem essa superfície lisa, ‘impessoal’, como nós próprios temos a nossa individualidade, somos seres singulares, mas em seu interior, corre água, a seiva... Quando nós realmente nos acolhemos, podemos perceber a água que é o nosso sentimento...

Yara: E é interessante se pensar em certas áreas da Ciência mais recentes mas sendo encaradas como sendo menos de vanguarda, a própria psicossomática, por exemplo. Ela lida com a questão do todo, do organismo. Inserido num todo maior. Então essas relações... Quais são as resistências percebidas a essa idéia do todo? O Morin, por exemplo, fala da questão da complexidade, e também está relacionada com essa idéia e eu percebo o ser humano de um modo geral.

O ser humano, de um modo geral, tem muita dificuldade de aceitar essa ligação de “tudo com tudo”. Mas acho que é compreensível. Pois quem tem esse olhar sobre o ser humano, a natureza, as relações humanas, os organismos que fazem parte de nosso conjunto todo, quem tem essa percepção, lida com tudo isso, com muita facilidade. Agora, quem não tem, é como se fosse uma viagem tão audaciosa, sair do analítico (o fragmento) e partir para o complexo (o intuitivo), que fica uma coisa fora do comum!

Então, é preciso se desenvolver uma mentalidade diante disso; então a gente pensando sobre isso e refletindo sobre os eventos do projeto Jardim Botânico que em 8 meses, foram 2 professores do Colégio Ignácio Azevedo (onde na pesquisa prático-teórica foi instalada), de novo estamos lidando com a questão da mentalidade, dessa abrangência. É como se a gente pudesse comparar esse organismo, humano, a essa contexto do mundo como um todo.

E o organismo humano, o corpo humano, como um organismo do corpo social. Então na verdade, parece que a gente está brincando, não está falando xxx, mas é o processo de transformação de um mentalidade, para essa visão de abrangência. De percepção de que tudo está conectado com tudo. Ao mesmo tempo, quem pensar “que negócio é esse, onde tudo está conectado com tudo? Então, não posso fazer nada!”. E, no entanto, não é assim. Percebem-se essas influências... e o que você falou sobre o bambuzal, que é um organismo, acho que não tem como a gente se distanciar dessa idéia de ligação geral.

Agora, independente disto, há momentos em que é preciso compor só aquela parte e o fato de se dar ênfase num determinado momento, no trabalho, objetivo e compreensão que se quer ter, das coisas ao nosso redor, da forma de estarmos no mundo, não invalida essa percepção de conjunto, do holos.

Yara: As sinapses dos fractais, por exemplo, cada encontro é um momento. Que se desdobra em outro e em outro, e assim por diante. Dentro desse todo, existem as partezinhas. Na realidade, eu estou pensando em termos de natureza e de ser humano na Terra. E tentando fazer um paralelo entre essas duas mentalidades: a que percebe o todo e a que não percebe o todo.

Eu olhei para a imagem dos fractais nas varetas do bambu e estou comparando-a com isso: “o nozinho” seria a coisa analítica, o ponto. Que continua a pertencer a esse todo. Então o fato de se perceber só isso, não exclui o resto. E na sociedade, o que se percebe, as pessoas que têm a visão para um lado ou para o outro. A que tem a capacidade de perceber a visão do todo, como um conjunto harmônico ela não tem dificuldade de perceber o detalhe, no conjunto. Mas a que tem dificuldade de perceber o todo, que só vê detalhe, tem dificuldade de perceber o todo.

Virgínia: A grande maioria.

Yara: É, pois temos mesmo uma mentalidade científica ou melhor, científicista, em inúmeras situações, querendo pensar linearmente em todas as situações, quando muitas delas, exigem avanços e recuos, para compor o mosaico da vida. Aí ficamos presos, atrelados só no detalhe.

Percebemos isso na Medicina; quando trata o olho direito, não se trata o esquerdo. É uma caricatura, estou brincando. Mas a medicina ocidental apresenta uma especialização tão grande que se perde a noção do organismo como um todo.

Assim como se nós perdermos a noção de sociedade como um todo e investirmos só numa determinada área, estaremos perdidos também, pois só aquela área está inserida num todo muito maior que, do mesmo modo que ESSA PLASTICIDADE NEURAL tem de ser recuperada em rede, o organismo humano funciona em rede, a sociedade humana funciona em rede, o estar no planeta Terra funciona em rede.

Acho então que essa referência da rede que você está simbolizando apontando para os fractais, me parece que aí se pode puxar a idéia do equilíbrio. Ao mesmo tempo em que se percebe o equilíbrio como uma oposição ao caos, esse equilíbrio na é permanente.

Ele fica de passagem como se fosse se recompondo em diferentes equilíbrios.

Virgínia: As formas do caos seriam então formas de reorganização de nossa própria natureza. Em paralelo às formas geométricas que também são fractais, por serem representativas de uma grande forma maior.

Caos — equilíbrio — caos — equilíbrio. E destaque um capítulo de seu livro, “Fragmentos e restauração da Sociedade pela dinâmica: espírito, mente e corpo iguais”; você propõe, na sua obra, que haja essa convergência, que haja um retorno a essa espiritualidade que não é religiosidade.

Yara: Eu, na verdade, identifico, não é bem uma proposta, não é bem uma proposta, identifico isso com base nas minhas leituras da Sociologia e da Religião.

É como se nós estivéssemos vivendo um momento, onde as manifestações de espiritualidade passam por outras formas que não as manifestações mais tradicionais. Mas isso não significa que elas excluam as formas de manifestações tradicionais, de religiosidade ou de espiritualidade, quando caminham juntas, estão associadas às grandes religiões.

Então, atualmente, percebe-se um momento, destacado por todos os autores que trabalham com a sociologia da religião, a partir inclusive de Max Weber. São 3 os mais importantes, na Sociologia da Religião que respaldam as idéias: Marx, Rurkheim e o

Weber. Eu trabalhei com o referencial de Weber porque ele aponta essa questão da relação entre o que a sociedade pensa, sente e as demandas que ela vai gerando.

Então, a visão dessa espiritualidade diferenciada que não é necessariamente ligada a nenhuma religião (dogma — “a roupa dura da doutrina”, seg...) que o viés do Webe me permite ler. Então essa manifestação ela aparece sob diferentes formas... Assim, quando o sujeito busca a questão do equilíbrio, busca a temperança, a harmonia interior, se auto-conhece, tudo isso que envolve essa auto-construção, passando pela idéia do equilíbrio e que se pode vincular a uma idéia original, em qualquer religião, qualquer grande religião prega isso.

Então, mesmo que o indivíduo não esteja ligado a nenhuma religião e isso, estatisticamente, aqui no Brasil, temos um número cada vez maior de pessoas não ligadas à religião católica. Que sempre foi um baluarte na sociedade brasileira, era uma proporção de 99%, pelo censo do IBGE.

E isso não acontece por aumentar o número de evangélicos, que funciona como um ramo do protestantismo, uma das suas xxx. Há também um grupo de “meio crentes”; não ligados a nenhuma religião mas que têm esse discurso do equilíbrio, da harmonia, do bem-estar, do desenvolvimento, da integração com a natureza, de como eu me percebo de uma forma global.

Então há toda uma relação que não propus, fui a campo e identifiquei. E identifiquei exatamente o que os autores citados me diziam. Esses grupos estão recebendo diferentes nomes: novos movimentos religiosos, e por aí, vai. Neo-esotéricos... A nomenclatura é variada mas de um certa forma fala-se desse grupo de pessoas que começa a ter essa percepção que faz parte de alguma coisa. Ainda sem um nome mais difundido, alguns chegam a dizer: “não acredito em Deus, não tenho nada a ver com religião, mas acredito que há uma energia diferente, superior, e aí invoca a energia como matéria-prima dessa situação de composição do pertencimento. Isto é, a minha energia pertence a uma certa energia que se desdobra em outras formas de energia...

Virgínia: Seria então uma questão de nomeação... isto é, dar diversos nomes para uma mesma Essência que nos une. Temos necessidade de nomear...

Yara: E por aí vai. O tipo de contribuição que posso dar ao seu trabalho é a minha própria viagem. Petulante, mas petulante porque fiz relações com uma coisa muito concreta como o corpo e com a atividade física porque eu sou professora de Educação Física. Então, a petulância passou por aí...

Agora, percebo cada vez mais que existem muitos professores petulantes por estarem cada vez mais começando a fazer associações outras com atividades físicas. Estas passam

por peregrinações, caminhadas religiosas, como o caminho de Santiago de Compostela, e por aí vai. A partir da questão da atividade física que não inclui o objetivo de “performance”, estética ou modelagem, nada disso.

Virgínia: Um dos objetivos seria evocar uma sensibilização compatível com o bem-estar na natureza?

Yara: essa sensibilização como fenômeno de pertencimento? Também. Na verdade, todos estão falando da questão da natureza. Como se fosse uma saída; uma possibilidade para se xxx coisas que não deram certo na humanidade.

Virgínia: E daí, também, essa necessidade do cruzamento do pensamento Oriente/Ocidente.

Yara: Sim, porque o Oriente tem mais essa visão abrangente, a cultura indiana, por exemplo. A questão Brâmane é o todo. A cultura chinesa (yin-yang) também tem isso, o vínculo maior com Gaia (mãe Terra, ver Boff – saber cuidar). Ruptura com o pensamento cartesiano, que esta idéia de um todo complexo... pois não há todo simples; essa idéia de complexidade se xxx bem com a sua idéia dos fractais.

Virgínia: O exercício de Chicomong traz um relaxamento psicofísico, onde se traz essa memória celular do todo, pelos momentos realizados, no sentido yin (feminino – terra), yang (masculino – eu) trabalhando as polaridades. A psicologia rogeriana, xxx Sonia, trouxe a prática do tai-chi como parte integrante da psicoterapia, há cerca de 20 anos. Ele coloca a idéia de que a grande questão, ocidental, enquanto a Filosofia/Religião, é que a nossa essência está no Evangelho; e que ao incorporarmos xxx a fala oriental, geralmente ficamos na forma...

Yara: Agora não há como limitar, cercear esse sincretismo. Somos sincréticos (um dos primeiros estágios do desenvolvimento humano segundo a Gestalt, é o sincrético). Eu não acho que isso seja uma falha. Vai sendo uma coisa natural. E quando se fala na moral cristã, de uma certa forma, existem inúmeras qualidades, valores, alguns aspectos, como a culpa, são pesados. Mas também tem muitos valores.

Não importaria sobre qual janela se debruça sobre o mundo... A gente tem raiz cristã que não desaparece. E não importa que o indivíduo não tenha religião nenhuma, ele continua ser portador de uma moral cristã porque é o universo que ele vive.

Virgínia: Mesmo que não se refira a ele, não a nomeie.

Yara: certamente.

Virgínia: Cristo é o bem estar do outro, esquecendo de nós mesmos.

---

Virgínia: Muita gente fala desse equilíbrio mesmo que, momentâneo pois Cristo, na fala de Ivan Comandel, psicanalista e arte-terapeuta, é o outro, é o bem estar do outro, esquecendo-se das nossas dificuldades para contribuir para isso. E desse modo, os nossos próprios empecilhos são elaborados e dissolvem-se.

Yara: De uma certa forma, quando nos distanciamos da religião mas pensamos em valores que te permitem a convivência grupal como é a marca do ser humano, que é grupal, você se depara com princípios éticos que se forem verificados estão calcados e presentes nas religiões. Estão presentes na cultura religiosa. Mesmo que o indivíduo não tenha elo nenhum com uma instituição religiosa.

O sujeito com senso de limites para um convívio social, não rouba, não trai, não mente porque isso não é valor. E aí você vê que é uma ética que pauta a conduta humana que permite que esse humano se insira no grupo.

Virgínia: é verdade... os valores. O problema na pesquisa é esse: o sistema de representação de valores, no Ensino Básico. /É o que tem de ser revisto urgentemente. Aí, citam-se logo de início Madalena e Paulo Freire (A educação como prática de liberdade) (PF)

E Madalena diz que a grande questão é já na Educação Infantil, devemos preparar o indivíduo não para ser isso (pedreiro) ou aquilo (engenheiro, etc) mas para a vida. A “Escola para vida”.

Yara: Para a vida em grupo. O que eu posso fazer para o bem estar do meu coletivo, esse é o meu grupo. Sem tantas preocupações em direcionar a criança para uma profissão em que se vá ganhar dinheiro, para não “se morrer de fome”.

Virgínia: E Madalena Freire aponta essas possibilidades da individualidade criadora, um paralelo às atividades pragmáticas que garantem a nossa sobrevivência; relacionando de modo criativo, fazendo aflorar a imaginação de cada um, o afetivo, o cognitivo, o psicomotor e social; integrando...

Citando Jean-Yves xxx, PhD em Psicologia, teólogo e sacerdote hesicaste, em sua obra “teapeutas do Deserto”, , em parceria com Leonardo Boff, “um dos eminentes teólogos da libertação, com uma vasta obra traduzida para as pp. Línguas, que integra” eco-

(...) e espiritualidade, nos traz uma reflexão.

“Há um quarto espaço da sombra (inconsciente) em nós, além da repressão da agressividade, da repressão da libido (que Jung associa ao amor que transcende a corporeidade), em todas as suas dimensões, e da repressão do feminino. É a expressão da INDIVIDUALIDADE criadora. Não é fácil ser criativo, em uma sociedade. São muito raros aqueles que têm a sorte de fazer algo que lhes agrada. A grande maioria de nós trabalha para ganhar a vida e a de nossos filhos. E não há nada de criador no trabalho que fazemos. Este trabalho não criativo pode nos tornar doentes, pelo menos infelizes, e conduzir-nos a uma depressão que é uma tentativa de fuga a todas as pressões (...) (Lloup, 1997:101).

Yara: E essa história do todo é muito interessante, porque ela se manifesta de várias formas, com várias nomenclaturas. Por exemplo, a psicomotricidade trabalha de modo interativo, é o âmbito afetivo, cognitivo, o motor que designa como psicomotor. Todos itens reunidos formam o âmbito do psicomotor e percebemos que as idéias, vistas por diferentes ângulos e campos de conhecimento humano, elas sugerem essa necessidade de perceber o todo. As nomeações variam, mas a idéia da busca do todo permanece inalterada. O todo está ali... Caso se valorize mais uma coisa do que a outra, gera-se um desequilíbrio que vai impedir essa harmonia, o funcionamento do todo. E é essa a idéia que fica reproduzindo-se continuamente.

Virgínia: E como pensar isso com as mãos (o agir) já que o cérebro aprende e as mãos são os instrumentos. Para nos acharmos nessa realidade, de modo pragmático.

Acabamos indo para os campos da ética, dentro de nosso design social.

Vale transcrever um texto publicado pelo projeto Sesc Tijuca Comunidades:

“os quatro princípios da ética:

Já vimos que os fundamentos da ética são o senso da responsabilidade, a consciência, e um conjunto de valores e normas. Em última instância, nossas deliberações éticas devem resultar numa ação prática. Apresentamos isso de outra maneira, falando sobre os quatro pontos principais da ética:

- Horizontes: nossos horizontes se expandem e se entrelaçam com a responsabilidade. Será que nosso senso de responsabilidade se estende além do círculo de nossa família e amigos? Qual é o alcance de nosso horizonte ético?

Será que ele inclui aqueles que realmente precisam de nosso apoio? Ou será que nossos horizontes são estreitos demais?

- Coração: com o coração queremos dizer consciência. É algo que se projeta para dentro, para o interior de nós mesmos. Até que profundidade nossa consciência alcança? A ética não pode existir sem um coração caloroso. Podemos nos anestesiar contra o frio, e podemos anestesiar nossa consciência da mesma maneira.
- Cabeça: não basta se sentir responsável ou ter a consciência pesada. Não basta “ser bom”. Devemos usar nosso cérebro e nosso raciocínio para estabelecer os valores e as normas nos quais desejamos basear nossa conduta. Precisamos analisar a situação para ver onde nossos esforços podem ser aplicados da melhor maneira. Não devemos ser “moles” — permitindo que nossas ações tenham o efeito oposto do que pretendíamos. Não devemos agir de modo “tolo” ou cego. Ser uma pessoa eticamente responsável exige certo grau de discernimento.
- Mãos à obra: não basta ter horizontes éticos, coração caloroso e cabeça fria. Não podemos apenas ter idéias sobre nosso caminho para a boa vida moral. Devemos agir. Devemos fazer a experiência ética prática. As deliberações éticas nunca devem cessar, mas não podemos ficar a vida toda imóveis, pesando e ponderando as coisas. Devemos sempre escolher entre várias ações alternativas. Estamos numa eterna encruzilhada.

A ausência de um desses quatro pontos pode indicar que um grande problema se aproxima. Em geral, é quando um (citar Diálogo Sim, Diálogo não; pegar com Dalva os desenhos) desses princípios orientadores falha, que as coisas começam a não dar certo.

Yara: Quando eu apoiei o meu trabalho na Sociologia da Religião, pedi “ajuda” à Sociologia da Religião para entender o meu tempo; para ver como as coisas estavam acontecendo nesse contexto da nossa realidade, de (pós-)modernidade, acho que fiz isso para me lastrear e botar o pé no chão. Porque um dos meus medos com esses trabalhos que fazemos, é sair “viajar” tão abstratamente que ao final nos perdemos. A gente se perde nessa tentativa de se achar no conjunto, fazendo parte de, tive muita preocupação com isso. Então quando você puxa isso, dizendo “não, a questão dos valores, por exemplo, estão sendo muito importantes por...”, eu acho com essa consciência crítica (o enfoque do motivo) pois isso te lastreia.

Ao mesmo tempo que lhe permite “viajar”... A imagem dos fractais é perfeita para simplificar essa viagem. É mesmo! Se a gente pensa visualmente na imagem dos fractais, é um emaranhado só, aquela coisa que vai se desdobrando...

Virgínia: Parece o nosso cérebro.

Yara: Exatamente. São as nossas sinapses. Qualquer imagem que se veja em vídeo ou imprensa tem essa fora. O meu susto é esse: de dizer “estou querendo viajar por aqui, uma viagem sem fim, entretanto meu trabalho tem começo, meio e fim! E o meu chão está aqui, meu referencial está aqui, tem algo concreto que me segura, para que eu possa alçar vôos audaciosos.

Virgínia: Acho que uma proposta para a rede pública é trazer essa atitude diante do conhecimento, essa questão filosófica: recuperar a atitude de filosofar, o fazer filosófico para revermos as regras do confronto ético. São muitos os autores, mas podemos destacar entre eles Kant, com a sua tese da boa vontade. Isso quem me colocou há pouco tempo foi um professor, Carlos Roberto Ribeiro Cruz. Carlos, na década de 80, “apaixonou-se por filosofia, especialmente pela filosofia dialética, tornando-se líder sincial no campo da educação e adotando uma atitude revolucionária, quando defendia um sindicato de luta, classista. No início dos anos 90, rompeu com a concepção marxista, ficando sem saber como estruturar seu pensamento racional. Passou então a se aprofundar cada vez mais nos ensinamentos do filósofo Mokiti Okada, com os quais já tinha estreito contato desde 1977. Como resultado teve um insight de apresentar a tese sobre “A lógica de Mokiti Okada” para a sociedade, o que se efetiva após seis anos, aproximadamente de pesquisa objetiva a respeito. Ele é engenheiroeletrônico, já deu aulas de Eletrônica no estado, atualmente ministra Filosofia, na grade regular, no Ensino Básico, na Mangueira (REF). Ele é ministro da Igreja Messiânica atualmente mais referida como Johrei Center por estar assumindo mais um caráter filosófico do que doutrinário, junto à sociedade. Recentemente concluiu o curso de Teologia no Centro Metodista Universitário Bennett. Na tentativa de aproximar as visões dos pensamentos oriental e ocidental. Para se fazer as relações devidas.

Yara: para se aproveitar melhor o que há de bom nas duas alturas.

Virgínia: Não se trataria de nenhuma ruptura porque é como se fosse o mesmo objeto sendo lido nas várias culturas, pelas suas diferentes linguagens espirituais; é o mesmo objeto, na essência, que é lido de outra forma. Ou seja, trata-se de movimentar aquela forma para compreendê-la de um outro modo. Pois todos nós temos nossas singularidades que precisam ser respeitadas para a compreensão de um grande todo, d uma grande organização. A qual nos puxa, nos ascensiona mesmo que resistamos.

Yara: Mesmo até que você não pense em alguma coisa... Quando você faz a idéia do “fio que puxa”, imaginamos alguma coisa aqui no conjunto, e uma outra por fora... mesmo até que você não pense nessa que puxa para fora desse conjunto, esse conjunto todo é esse trabalho de “encaixar”, você pode se “encaixar” sem puxar para fora, sem transcender; porque na verdade quando você fala a religião é uma linguagem, e é; o ser humano tem inúmeras formas e inúmeros caminhos de busca. De auto-construção, de adaptação à vida, a vida, um nossa sociedade, é dura, não tem nada de glamourosa. E cada um tem de descobrir o seu modo de sobreviver nela. Prazerosamente, construtivamente. Então é como se a gente visse a religião como uma das linguagens, mas também há a psicanálise, a filosofia, a ciência. É como se cada um, contato que o indivíduo dentro daquele caminho ele achasse essa forma de estar no mundo harmoniosamente, com esse conjunto, com esse holos, fosse aceitável. Eu não acho, independente de eu ter escrito sobre isso, essa seja a única forma de a gente se perceber, se expressar, se contactar conosco e entre nós... A única forma de nos contactarmos com esse todo. Cada indivíduo descobre a sua maneira de estar no mundo. Independentemente da linguagem que ele use, se a gente interessa mais por um tipo de linguagem, é aí que nós vamos estar trabalhando...

Virgínia: A linguagem da arte, que nos faz ir ao encontro de nossos sentimentos, é reestruturadora d pensamento por permitir a individualidade criadora, (expressão termo terminologia) usada por Jean-Yves xxx (refer Terapeuta do deserto). Segundo Ernst Fischer (ref) “uma sociedade em decadência, a arte, para ser verdadeira, precisa refletir também a decadência, mas, a menos que ela queira ser infiel à sua função social, a arte precisa mostrar o mundo como possível de ser mudado e ajudar a mudá-lo”. Esse pensamento orienta, por exemplo, a ação do professor de Educação Artística para o desenvolvimento de cidadãos.

De acordo com Herbert Read, “o equilíbrio psíquico (o cérebro emocional), base de toda estabilidade e integração intelectual, só é possível quando se permite ou se estimula esta integração do inconsciente, o que acontece especialmente em todas as formas a atividade imaginadora.” Pode-se dizer que estas formas da produção imaginadora devem ser desenvolvidas na escola através de atividades que permitam a criação de imagens fragmentadas do inconsciente, em diferentes linguagens artísticas.

Yara: Cada um vai achando a sua forma de estar nesse coletivo. Acho até mesmo que esses novos trabalhos, de vanguarda, como o seu, não há dúvida de que esse é um trabalho de vanguarda; essa forma de perceber as relações dentro da escola, por exemplo, você está aí falando de um trabalho de complementação pedagógica.

Uma complementação pedagógica está abrindo uma porta para se pensar outras coisas, dessa construção desse aluno, desse indivíduo, dentro do modo; é uma forma de manifestar e expressar uma linguagem. Uma linguagem que vai ser apresentada aos alunos, que pode frutificar em alguns eu não. Sempre é esse o movimento. Vai o momento do aluno se identificar com isso, dele perceber o “além disso”, pode ser que ele não perceba além disso. Pode ser que ele não perceba além disso.

Virgínia: O conteúdo geral da pesquisa é Design e Arte-terapia como metalinguagem, além de metalinguagem no espaço pedagógico da rede pública. O grande fio condutor é essa meta, além de. Exercitar o pensamento simbólico que é a nossa maior capacidade intelectual.

Yara: É o que nos diferencia de todos os outros de todas as outras espécies. É a capacidade que o homem tem de simbolizar.

Virgínia: É essa nossa sociedade de dominação, como você descreve muito bem aqui, a “cultura dominante, a gente não ‘pode’ simbolizar porque implica em potencial criador, o que vai implicar em libertação. E, por enquanto, apesar de já estarmos nos xxx dessa cultura, todas as tradições apontam para isso, quando falam em apocalipse. Para mim, o apocalipse é isso: o fim dessa sociedade dominante que não quer que a “individualidade criadora” como nos fala Seloup (ref. terapeuta do deserto) emergja; ou como do ponto de vista de Kant “antes de agir, devemos ns certificar de que realmente desejamos que nossa ação seja repetida por todas as pessoas numa situação semelhante (...) um “imperativo categórico”(...) “o ser humano sempre deve usado meramente como um meio para se conseguir uma outra coisa” (Ética, publicação Redes Comunitárias. Mets 2005:5)

“Kant utiliza também o exemplo das Escrituras, dizendo que é da mesma forma que se deve entendê-los, quando é ordenado que amemos o próximo, mesmo o nosso inimigo (...) o amor é amor prático e não patológico, que reside na vontade e não na tendência de sensibilidade, em princípios de ação e não em compaixão lânguida. E só esse amor é que pode ser ordenado.”(FRERREIRA, 1999: 33 in Revista Design, (ago. dez. 1999) Rio de Janeiro: editora Gama Filho, 1999).

(Mas vai acontecer um momento em que só a nossa vontade não adianta, é preciso uma consciência maior – Seloup – ver dissert. Já apresentada.)

Para fazer acontecer nossa individualidade criadora (ver mat. “Dinâmica Grupo” – UCAM.)

Virgínia: (...) O fim dessa sociedade dominante... como Cristo veio nos dizer, que se olhasse para o outro, quando fala dessa grande capacidade de consciência crítica (cristal, transparência) de que Deus está dentro, não está fora de nós mesmos, é que eu mesma me voltei; recentemente, para essa busca. Por exemplo, para mim, a prática do johrei é um modo de fazer uma ponte, (jé que todo terapeuta deve ser “ponte” entre vários contextos), para ligar o visível e o invisível, sem rigidez, na medida do possível. O Johrei se comunica sim, mas é preciso não se ficar aprisionado na forma. Para algumas pessoas. Linguagem visual é necessária, então vamos dar essa forma; só que todo no do corpo é um canal de luz só que em determinados momentos, as pessoas precisam ainda dessa postura. Eu mesma precisei durante vinte anos.

E acho que a grande linguagem da mensagem crística, se Cristo vem de cristal, para mim, é uma fala recente, é essa transparência sim.

É você perceber que pode criar tanto quanto o outro e ambos permitirem a dialética, através da maleabilidade, e acho que sim, que essa civilização vai chegar a um “boom”; o professor Nelson diz que no universo, uma forma estoura quando chega a um nível máximo de condensação. Que está sendo, já, o nosso limite.

Yara: Estamos mexendo em todos os canais, desde os pessoais até as camadas de ozônio. Estamos chegando a um nível máximo de saturação;

Virgínia: Acredito então que essa imagem do apocalipse, descrita na tradição judaico-cristã, pela bíblia, assim como em outras, está se tornando cada vez mais concreta, real.

Yara: Corresponde a essa saturação.

Virgínia: Sim.

Yara: O poder auto-destrutivo do homem.

Virgínia: Sim, exatamente. Não tem saída na cultura atual ou seja, nem pelo sistema capitalista nem no socialista, podemos resolver nossa questão. Mexe aqui, mexe ali e voltamos ao ponto de partida... Os jornais têm sempre a mesma notícia de implosões; é o caos que vai levar a uma reorganização. Penso que a proposta da educação tem várias outras vertentes, como você disse agora, sinto, percebo a necessidade da busca do não tangível, do espiritual, da desmaterialização; existe uma ênfase exagerada em formas mais egóicas que nos impedem de dar a mão ao irmão, de nós mesmos, de nossos

próprios problemas. Cristo é o outro. Existe uma necessidade urgente de discernimento, de real acolhimento das necessidades do outro...

“(...) Há também a fraternidade para com o ser humano. Observemos, em primeiro lugar, a fraternidade entre Francisco e Clara. Ele dizia algumas vezes que seu início era sua irmã Clara. A importância de sua irmã, a mulher que vai ensiná-lo que o seu corpo não é simplesmente o corpo de um burro. Quando o homem encontra a mulher, este encontro é importante no seu processo de hominização e vice-versa. Observemos também o irmão Leão, todos os seus irmãos frades, o irmão ladrão, o irmão papa. Portanto, é a fraternidade com os nossos mais íntimos, nossos irmãos de família, nossos irmãos espirituais. Mas também a fraternidade para com nossos irmãos que pertencem a um outro meio, a uma outra sociedade, como nosso irmão leproso e todos os nossos irmãos que nos fazem medo. Existe uma fraternidade a reencontrar, para que o serviço seja possível.”

Dalai lama, amigo de Leonardo Boff, acrescenta uma inspiração que pode colaborar no serviço da fraternidade: o esforço pela alegria.

“Para se ter sucesso na aplicação do esforço pela alegria, é preciso ter a capacidade de comentar a atenção em acontecimentos, atos ou objetivos. Isso por sua vez depende de se ter ou não a capacidade de exercer o poder do discernimento, de distinguir entre o que é desejável e o que é indesejável, entre o que é negativo e o que é positivo.”

Então os mitos de tradição judaico-cristã, greco-romana, hindus, entre outros que poderiam nos ajudar a reencantar a educação, pela contação de histórias, para ativar a nossa “individualidade criadora”, como Seloup nos diz; trazem todos eles a possibilidade de sermos um grande organismo, através do canal de várias expressões de Arte que colaboram para a transformação de verdades, por muitas vezes, cruéis. A Ciência e a Espiritualidade podem dar as mãos à Arte, numa espiral de sabedoria e Amor que, lentamente, vai se construindo.

Câmara Cascudo (referência) já nos fala que a poesia é como o leite materno... Então vamos propiciar mais poesia, vamos “flutuar” mais mesmo... No caminho da intuição, principal função psíquica da Arte, que se encontra em evidência na Ciência, ao permitir que nos vários campos se cruzem, se combinem, percebendo o novo, como num mosaico, a partir de comprovações anteriores.

A Arte seria o nosso pensamento mais sofisticado já que nos impele ao encontro com nossos sentimentos, através do que é a nossa maior capacidade intelectual, a da representação, segundo Freud (ver Coramandel).

E lembrando que somos seres sensíveis, impulsionados pelo sensorio – mitos, temos necessidade biológicas como a sensação da fome, a serem supridas. A educação com outros valores que não o do consumismo significaria um tipo de idolatria, presa a ícones, fetiches de correntes superficiais, e renovação de valores, fontes de pesquisas alternativas como a da agricultura natural; sem agrotóxicos e modelos de auto-sustentação, através de técnicas de compostagem que podem ser produzidas e multiplicadas em qualquer espaço de moradia, através de cultivo simplificado. Existem várias pesquisas que devem ser conhecidas o mais breve possível, para diminuirmos essa impressão generalizada de que não meios de se alimentar com baixíssimo custo. O ser humano realmente depende de seu pensamento, para viver. Porque nem fome a gente precisa passar. Precisamos viver o eu somos pelo que comemos também.

A Ana Branco, pesquisadora professora na PUC Rio, designer; trabalha design através da alimentação, ou seja, dos modelos vivos; então ela faz um trabalho junto à comunidade visitante da universidade, qualquer um pode entrar; colabora com um custo simbólico de R\$2,50, caso a pessoa esteja em condições, para ajudar a comprar material, onde ela trabalha o alimento extraído diretamente da natureza; ela ensina a fazer suco de clorofila, técnicas de compostagem; ela ensina que a partir de algumas diretrizes básicas, a pessoa está nutrida, está alimentada, talvez não haja o “danoninho” mas vai ter coisas que nutrem, a partir da abertura de uma raiz, já se está alimentado, nutrido. Pode-se começar a perceber o perigo da divulgação de uma alimentação caríssima que traz uma simbologia falsa, hipnotizando para não se sentirem desconfortáveis, fragilizadas com frutas, hortaliças, sementes. Para mim, isso é diabólico: a gente se corrompe pelo artificial.

Yara: Agora isso em termos de uma sociedade complexa é muito complicado, uma coisa que ficou clara para mim ao longo de uma trajetória é que primeiro a gente não consegue colocar a nossas idéias na cabeça do outro, à força; cada um tem sua forma de perceber. E muitas dessa idéias que temos, não predatórias, e que são capazes de abrir janelas incríveis de recriação, em sociedades complexas como as nossas, elas acabam perecendo; ou então não se expandindo muito. Porque, imagine você, se nós temos problemas com a camada de ozônio, com a convenção da cidade de Cubatão, São Bernardo do Campo, aqui pertinho, cidades do Japão onde temos que usar uma máscara. Porque os grandes interesses econômicos não são capazes de administrar, as suas indústrias e os recursos até que poderiam minimizar isso, no sentido de preservar o bem maior, imagine se, numa sociedade complexa a gente consegue que muitas pessoas virem, por exemplo, da raiz. Então, essa questão da complexidade, do mundo e das sociedades, é algo ainda...

complicado! E aí, talvez, a gente veja o ser humano... finito! Ele é predador, vai vai, cava, menina, até que!...

Yara: Agora, não há sombra de dúvida que o ser humano tem um lado de predador forte, forte!

Virgínia: E é para isso que consciências maiores, estão buscando chamar a nossa própria terrena, material para acordar! Despertar... Está havendo algo maior que está dando esse xxx, se abriremos os canais: orações, meditações, esporte, nutrição. É vital estarmos com os canais abertos dos sentidos do visível e do invisível para trocarmos essa boa influência.

Yara: Pode deixar aqui a sua formação, sua atuação no momento.

Yara: Posso sim. Tenho duas formações, a original que foi a Faculdade de Geografia, Geociências na UERJ. Na verdade representou um aspecto importante na minha formação, mas não foi minha carreira. Em seguida, fiz outro vestibular para Educação Física, também na UERJ, e à Educação Física, dediquei minha vida. Tenho especialização em Educação Psicomotora pelo IBMR; mestrado em Pedagogia do Movimento e Doutorado em atividade física e Cultura; ambos na Universidade Gama Filho. Atualmente leciono na Universidade Estácio de Sá e na Gama Filho, na graduação. E estou ajudando a professora Vera Lucia Menezes (UGF – laboratório Cultura e Imaginário), numa orientação de uma pesquisa de doutorado que também faz essas relações da espiritualidade com a caminhada de peregrinos. E enfim, aí está a minha estrada, a minha participação nesse mundo.

## **Entrevista com Carlos Leocádio**

Advogado e professor (IAVM / UCAM)

CL O primeiro problema da aplicação da legislação educacional no Brasil é o fato que as pessoas que vêm interpretando a legislação educacional, escrevendo sobre esse assunto, a exemplo da Clarice Nunes 1, do Moacir Alves 2, a exemplo dos maiores pensadores como Pedro Demo, autor de “A nova LDB, Ranços e Avanços”, todos são educadores e não, juristas. Embora sejam profundos conhecedores de processos educacionais bem como de políticas relacionadas à área, não têm uma cultura mínima jurídica, da hermenêutica jurídica que embasa a interpretação das leis.

Então as leis da educação especificamente, são interpretadas com o “vício” da vontade de fazer uma melhor educação. E o intérprete, por ser educador, procura aquilo que ele considera como o melhor para a Educação brasileira ao invés de acompanhar o que o legislador achou adequado em determinado contexto. O objetivo deve ser aplicar a vontade da Lei e não a dele, educador.

Esse, por si só, já é um grande problema para a legislação educacional brasileira, que se reflete na difusão da própria autoridade pública, no âmbito federal, estadual e municipal ao se determinar alguma nova norma. Sempre acontece algum tipo de equívoco com relação ao que foi idealizado pelo legislador, na Constituição Federal e na Lei de Diretrizes e Bases.

E isso se reflete no que você colocou quanto à Educação Artística no Ensino Básico, seja no Fundamental ou Médio. Pelo fato do educador não possuir uma formação jurídica, ocorrem falhas técnicas na interpretação da Lei. Então vamos a ela: ao se analisar a Constituição Federal, reparamos que a Educação está colocada dentro de uma seção a qual, por sua vez, está dentro de um capítulo inserido em um título maior, a Ordem Social. Dentro dessa área que trata da assistência social à família, ao idoso, ao adolescente e tantos outros temas pertinentes, existe um capítulo referido “da Educação, Cultura e do Desporto”. Desdobra-se em três seções: uma, é “da Educação”, a outra, “da Cultura”, e mais uma, “do Desporto”.

Fazendo uma interpretação sistemática, como um método da Hermenêutica Jurídica, um exame da Lei e sem ler nenhum dispositivo referente, nesse momento, sobre qual foi a organização da Educação pela Constituição, fica claro que o legislador separou a Cultura, o Esporte e a Educação. Como coisas dissociadas uma da outra. Apesar de se saber que, do ponto de vista pedagógico, essa visão de Educação tem tudo a ver com o Esporte, com a Cultura, de um modo geral, juridicamente o legislador constituinte achou melhor separá-las como áreas distintas, por questões de administração pública.

Porque na seção que trata de Educação, existe um artigo que estabelece investimentos mínimos nesse campo, ou seja, aí a União deve aplicar 18% de suas receitas, como menor cota. Os Estados e Municípios já devem dirigir para a Educação, 25% de seus rendimentos. Portanto, a Educação pública não poderá gastar as suas verbas com Cultura ou Esporte. E esse ponto não é percebido pelos educadores que fazem a interpretação da Legislação.

A política brasileira trata a Cultura dentro da Educação, misturando tudo. Só para se ter uma idéia, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, assumiu o Museu Nacional na Quinta da Boa Vista; é certo que a universidade tem cursos que se utilizam do Museu e esse é usado na atividade educacional dos cursos relativos. Contudo, a atividade museológica em si, que inclui visitação do público e a atividade científica, não educacional, está inserida no mesmo contexto. E

assim, para se manter o Museu, como atividade cultural, estão-se utilizando as verbas da Educação Superior brasileira. E as coisas precisariam ser separadas. Uma coisa é a universidade fazer um convênio com o museu para os seus alunos fazerem um estágio, suas aulas práticas, mas sem o compromisso de manutenção do Museu. Porque o Museu é cultura, não é Educação. A autoridade da Educação por não ser jurista, ser educador não soube fazer uma correta interpretação da legislação educacional. Agora trazendo a questão para o universo da Arte, o grande desafio é se conseguir delimitar o que é disciplina da atividade de Educação, que ensina Arte e o que é Arte como cultura dentro da Escola. A arte como cultura dentro da escola, é inconstitucional.

### **Entrevista com Rodrigues Magina**

Economista — fez formação em Ikebana (Fundação Mokiti Okada); durante sete anos aplicou a arte na empresa onde trabalhou por vários anos, a CPRM (Companhia de Pesquisas Recursos Minerais).

### **YEKEBANA — EQUILÍBRIO — HARMONIA**

O arranjo floral tem por fim criar a harmonia ou seja o equilíbrio onde atua, no trazendo a natureza. Com galhos e flores naturais dando uma sincronização de cores e formato onde transmite dentro do espaço; comprimento, largura e profundidade.

Em variados tamanhos, apresentam verso e anverso dos componentes, exatamente como são as pessoas. Vitalidade e frescor, dão o aspecto da juventude e ancestralidade, com sentido de continuidade... Os recipientes compõem o trabalho com sua cerâmica e cores dando contornos vicejantes e amenos.

Transmitem emoções e sentimentos de quem realiza e as de quem admira e frequenta o espaço.

Nas empresas, atrai e seduz a todos. Pela beleza e pelo arrojo, trazendo a sensação de jardim.

Colocada em pontos estratégicos de destaque da empresa, como em sua entrada e nas recepções de suas gerências e diretorias dão um toque de classe e bom gosto.

O interesse atrai e desperta adultos, adolescentes e crianças, proporcionando admiração e procura de como fazer, comprar e contratar profissionais que realizam os arranjos.

Dá idéia de limpeza, harmonia e boa direção da empresa visitada.

**Imagens geradas durante a pesquisa ago 2004**

**Col. Ignácio Azevedo do amaral curso diurno formação de professores segundo ano - Laboratório de literatura  
Contaçon de histórias e expressão plástica narrando as partes que mais sensibilizaram o grupo, por técnica de recorte e colagem.**

**Atividade complementar pedagógica para a disciplina de Literatura**



Estrutura em bambu e corda realizada durante a pesquisa pela  
autora 2005